



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

ARIVALDO POXO MUNDURUKU

**DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS NA
ESCOLA INDÍGENA: Análise professores na EMIEIF Kabá Ibuy,
em Jacareacanga – Pará**

ITAITUBA/ PA

2022

ARIVALDO POXO MUNDURUKU

**DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS NA
ESCOLA INDÍGENA: Análise professores na EMIEIF Kabá Ibuy,
em Jacareacanga – Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA

2022

MUNDURUKU. Arivaldo Poxo.

DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS NA ESCOLA INDÍGENA: Análise professores na EMIEIF Kabá Ibuy, em Jacareacanga – Pará. . CLPL da FAI, 2022: CLPL da FAI, 2022.

54 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2022.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1-Educação. Leitura e escrita. Aprendizagem. I- Lucia Maria da Costa Cruz. II- Faculdade de Itaituba, Itaituba- BR-Pará, 2022

ACADÊMICO: ARIVALDO POXO MUNDURUKU

**DIFICULDADES DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS NA ESCOLA
INDÍGENA: Análise professores na EMIEIF Kabá Ibuy, em Jacareacanga –
Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa
Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ Nota: _____
Prof.^a. Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliadora2 _____ Nota: _____
Prof.^a. Edilane da Silva Melo, Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 8 de Julho de 2022.

Dedico este trabalho a Deus,
pela supremacia e à minha
família, pela inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me proporcionar coragem para chegar até aqui.

À minha família, pelo apoio incondicional.

Aos meus colegas e amigos, por não me fazerem desistir.

Aos professores da FAI, por compartilhar conhecimentos.

À minha orientadora Lúcia Maria da Costa Cruz, pela paciência e dedicação.

A todos que contribuíram para eu chegar até aqui, meus cordiais agradecimentos.

“A leitura traz ao homem plenitude; o discurso, segurança; e a escrita, precisa”.

(Francis Bacon)

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido na EMIEIF Kabá Ibuy em Jacareacanga – Pará, em Setembro de 2020 e os sujeitos das pesquisas foram professores da referida escola. Teve como metodologia uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo para analisar os desafios dos professores quanto leitura e escrita e aprendizagem dos alunos. Para isso, buscou-se responder questões norteadoras como, dentre elas, “Quais as dificuldades encontradas pelo professor para o ensino da leitura e da escrita? Objetivou-se identificar as dificuldades de Leitura e Escrita na escola EMIEIF Kabá Ibuy em Jacareacanga – Pará, como também, identificar os desafios de professores com a aquisição da Leitura e Escrita. Para chegar-se aos resultados, os dados foram coletados por meio de questionário elaborados para entrevistas individuais, com coletas e análises de dados com discussão sobre as respostas, propostas sobre metodologias sócio-interativas e conclusão. Desenvolvido em três capítulos, onde fez-se uma abordagem sobre os desafios e processo de aprendizagem da escrita e leitura, os desafios da aprendizagem da leitura e a escrita, dificuldades de aprendizagem, o professor e o trabalho pedagógico e as contribuições da família para a educação. Percebeu-se que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem torna rica e fluente a linguagem, com a interação social. É no contexto social que a criança constrói a linguagem para que a leitura e escrita sejam desenvolvidas na escola. .

Palavras – chave: Educação. Leitura e escrita. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work was developed at EMIEIF Kabá Ibuy in Jacareacanga – Pará, in September 2020 and the research subjects were teachers at that school. Its methodology was a bibliographical research and a field research, of a qualitative nature, to analyze the challenges of teachers regarding reading and writing and student learning. For this, we sought to answer guiding questions such as, among them, “What are the difficulties encountered by the teacher in teaching reading and writing? The objective was to identify the difficulties of Reading and Writing at the EMIEIF Kabá Ibuy school in Jacareacanga – Pará, as well as to identify the challenges of teachers with the acquisition of Reading and Writing. To arrive at the results, data were collected through a questionnaire designed for individual interviews, with data collection and analysis with discussion of the answers, proposals on socio-interactive methodologies and conclusion. Developed in three chapters, where an approach was made to the challenges and process of learning writing and reading, the challenges of learning to read and write, learning difficulties, the teacher and the pedagogical work and the contributions of the family to the education. It was noticed that the acquisition and development of language makes language rich and fluent, with social interaction. It is in the social context that the child builds the language so that reading and writing can be developed at school.

Keywords: Education. Reading and writing. Learning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Por que é preciso ler e escrever corretamente?.....	39
QUADRO 02	Quais os principais desafios da leitura e escrita para alunos indígenas?	40
QUADRO 03	Quais tipos de metodologias estão sendo utilizadas pelos professores, para a leitura e escrita dos alunos?	41
QUADRO 04	Os professores estão preparados para desenvolver a leitura e a escrita na escola indígena? Justifique sua resposta	43
QUADRO 05	Do seu ponto de vista, por que os alunos indígenas têm dificuldades de ler e escrever?	44
QUADRO 06	Os pais contribuem com a educação dos filhos na escola? Comente.....	45
QUADRO 07	Que tipos de recursos didáticos pedagógicos são utilizados nas aulas de português para os alunos?	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ABORDAGEM SOBRE OS DESAFIOS E PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA E LEITURA.....	14
1.1 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA DA LINGUA PORTUGUESA	14
1.2 A ESCOLA, O SUJEITO E A APRENDIZAGEM	18
1.3 A APRENDIZAGEM DA ESCRITA NA LINGUA MATERNA	23
2 DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E A ESCRITA	28
2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	28
2.2 O PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO	29
2.3 CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA PARA A EDUCAÇÃO.....	33
3 DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL INDÍGENA: ANÁLISE DE PROFESSORES DA EMIEIF “KABA IBUY” EM JACAREACANGA-PARÁ.....	37
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	37
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	38
3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	39
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	48
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE	52

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso, teve como metodologia uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo para analisar os desafios dos professores quanto leitura e escrita na EMIEIF Kabá Ibuy em Jacareacanga – Pará, em Setembro de 2020 e os sujeitos das pesquisas foram professores da referida escola.

Para isso, buscou-se responder às seguintes questões norteadoras: Quais as dificuldades encontradas pelo professor para o ensino da leitura e da escrita? Quais estratégias utilizadas pelo professor para ajudar o aluno na aquisição da leitura e da escrita? Qual a contribuição da família no processo de aprendizagem do aluno de alfabetização? Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos da Escola Kabá Ibuy durante o processo de aquisição da leitura e da escrita?

Os objetivos consistiram em identificar as dificuldades de Leitura e Escrita na escola EMIEIF Kabá Ibuy em Jacareacanga – Pará, como também, identificar os desafios de professores com a aquisição da Leitura e Escrita, buscando perceber as metodologias adotadas pelo professor sobre aquisição do ato de ler e escrever pelos alunos e propor sugestões e direcionamentos práticos para a aquisição da leitura e escrita na sala de aula.

Para chegar-se aos resultados, os dados foram coletados por meio de questionário elaborados para entrevistas individuais, com coletas e análises de dados com discussão sobre as respostas, propostas sobre metodologias sócio-interativas sobre trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula.

O mesmo foi desenvolvido em três capítulos. O primeiro fez uma abordagem sobre os desafios e processo de aprendizagem da escrita e leitura, tratou sobre desafios da leitura e escrita da língua portuguesa, a escola, o sujeito e a aprendizagem da escrita na língua materna.

O segundo capítulo, trouxe um esclarecimento teórico sobre desafios da aprendizagem da leitura e a escrita, dificuldades de aprendizagem, o professor e o trabalho pedagógico e as contribuições da família para a educação.

O terceiro capítulo apresentou o resultado da investigação sobre os desafios da escrita e leitura na escola da aldeia, com a descrição da escola estudada, os procedimentos metodológicos, perfis dos entrevistados, coleta de

dados, a análise da pesquisa, com as propostas contribuintes e a conclusão, onde constatou-se que os desafios estão evidentes, especialmente porque os alunos indígenas já têm sua língua materna que é o Munduruku e que a segunda língua, é a que estuda-se na escola, para que possam comunicar-se bem.

Assim, conclui-se que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem não se dão em virtude de uma atividade isolada do sujeito, mas fundamentalmente, a partir da interação com o adulto, pela forma que está inserido, nas aldeias com suas falas e costumes. Com isso, quanto mais rica e fluente é a linguagem, mais rica é a interação social. É na interação que a criança se exercita na atividade constitutiva da linguagem e logo, da escrita que é desenvolvida na escola. .

1- ABORDAGENS SOBRE OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

1.1 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ao ratar-se da leitura e a escrita, pode-se afirmar que são processos muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas, além disso, temos a aquisição da leitura e escrita como fator fundamental e favorecedor dos conhecimentos futuros onde serão alicerçadas as demais aquisições para a identidade humana.

Desenvolver o gosto pela leitura tornar-se tarefa essencial para os demais aprendizados que se deseja para os alunos, uma vez que o processo de leitura já não pode mais ser encarado como a capacidade de decodificar, mas vai muito além, tendo papel de libertar, sendo que podemos afirmar que a prática docente direcionada para a leitura que não vise o despertar do interesse pelo gosto de ler, torna-se uma prática fragmentada que pouco vai contribuir no processo de ensino e aprendizagem, e como nos mostra Cavalcanti (2002, p. 121):

“[...] ler não deve ser apenas uma habilidade ou uma forma de se adquirir conhecimento, pois o ato de leitura deve ser ampliado no sentido de remeter o indivíduo para múltiplos significados. O quadro educacional passou por grandes mudanças devido ao novo modo construir conhecimentos, alinhados aos acontecimentos atuais com foco na particularidade do aluno. Portanto, na alfabetização a ação educativa do professor também sofreu esta influência, com a utilização de temas atuais com ênfase na formação intelectual e social do aluno. (CAVALCANTI, 2002, 121)

Nesse sentido, através das aulas de Língua Portuguesa para que seja possível desenvolver uma prática docente mais significativa, é necessário que no ensino desta, permita ao aluno expressar suas opiniões, suas interpretações, proporcionar também o contato com diversos livros e principalmente desenvolver o gosto pela leitura.

Desse modo, formar leitores, se direciona a algo mais do que formar pessoas capazes de decifrar os códigos escritos, vai além disso, significando criar

condições para que o indivíduo possa atuar criticamente na sociedade, tendo possibilidades de se desenvolver e viver melhor.

Portanto, torna-se evidente a importância da leitura e da escrita no ensino de Língua Portuguesa nas escolas, já que a mesma tem papel fundamental para a formação do cidadão, visto que, é mediadora do conhecimento, além de proporcionar prazer e encantos, sendo assim, fonte de aprendizagem, riquezas e encantamentos.

Para Calvalcanti (2002), o papel da leitura no ensino de Língua Portuguesa não é somente levar os alunos a codificar e decodificar a escrita, vai muito além disso, possibilitando um desenvolvimento integral, que vai lhe servir não somente para realizar tarefas dentro da escola mas também, e principalmente auxiliar na sua vida extraescolar. Foi com essa visão que se busca despertar o gosto pela leitura, pois se acredita que a mesma é uma porta que levará ao desenvolvimento de muitos outros objetivos do ensino, tais como escrever, ler, atuar criticamente, exercer cidadania, etc.

Neste sentido, a leitura é uma atividade profundamente individual que assimila o conhecimento ao contrário da escrita que é uma atividade de exteriorizar o pensamento. Por isso, o professor que não lê para os seus alunos e não lhes dar a chance de ler muito está fora da realidade do conhecimento e fadado ao insucesso, ao fracasso e ao retrocesso educacional.

Com mudança no cenário educacional se deu também devido aos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, com as contribuições de Emília Ferreiro & Ana Teberosky (1985) que enfatizava que a alfabetização não era a mera codificação e decodificação do sistema linguístico, mas se caracterizava como um processo ativo em que a criança em contato com a cultura escrita ia aos poucos (re) construindo hipóteses sobre a língua escrita, até chegar à escrita convencional, como nos afirma Ferreiro (1985):

A visão atual do processo é radicalmente diferente: no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). (FERREIRO, 1985, p. 22)

De acordo com esses estudos o professor terá a função de mediar este processo, e propor desafios por meio de atividades planejadas com intencionalidade pedagógica. Assim, aos poucos o educando fará novas descobertas e (re) construirá hipóteses.

No contexto da alfabetização o professor é muito importante, porém em muitos casos esse profissional nem sempre está habilitado para executar tal tarefa, pois, visto que muitos não obtiveram uma boa formação e nem sabem quais são as etapas do processo de construção da escrita. Como esse profissional irá conduzir esse processo, se nem compreende como ele se dá?

A implantação de ações que tragam um bom suporte teórico/pedagógico para esses profissionais são urgentes no meio educacional, pois muitos estão "grudados" nos livros didáticos por medo de ousar e errar.

É preciso que ocorram novas mudanças no fazer educativo com ênfase nas práxis pedagógica, ação – reflexão – ação de sua prática educativa atrelada à teoria. Considerando que esses professores terão mais dificuldades para alfabetizar seus alunos e ainda poderá desencadear nesses alunos dificuldades de leitura e escrita ao longo de sua vida escolar.

O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos lingüísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise. Poersch, (1990).

Na verdade o professor que está inserido em sala de aula tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, e isso requer formação e competência para desenvolver um trabalho satisfatório. É visível também em alguns professores a falta de interesse por novos conhecimentos, pela busca pessoal de novas ferramentas pedagógicas em sala de aula para aperfeiçoar seu trabalho. Portanto o alfabetizador será o agente que estimulará as descobertas da língua escrita até chegar à escrita convencional. (POERSCH, p. 45, 1990)

Outro desafio bem pertinente é a falta de apoio e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, o professor se depara sozinho nesta missão de alfabetizar a qualquer custo. Um fator bem interessante é que os pais atribuem ao professor a culpa do fracasso escolar do filho, assim se estabelece no seio escolar a briga histórica entre Escola X família.

Desse modo, é importante ressaltar que o abandono escolar de alguns pais é revoltante, pois esse cenário é visível com muita frequência no meio escolar, pois muitos alunos vão e voltam com as tarefas em branco, chegam à sala de aula desmotivados, sendo que muitas vezes necessitam de estímulos exteriores para a construção de aprendizagens e não encontram.

Essa é a realidade em muitas salas de aula, pais negligentes e omissos em reuniões escolares, datas comemorativas e outros eventos que favorecem a interação escola/família. A legislação é bem clara e específica quanto às atribuições da família e do Estado, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família". A educação informal é obrigação da família e formal do Estado, por isso as duas instituições devem sempre estar em constante sintonia para priorizar uma boa educação. Sobre essa relação Nérici (1972) salienta que:

A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem mistificações, sem deformações, em sentido de aceitação social. Assim, a ação educativa deve incidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade. (NÉRICI, 1972, p.12)

Nesta perspectiva entendemos que escola e família se complementam na tarefa da formação social da criança, se uma das duas se omite quanto à sua atribuição o processo de ensino/aprendizagem fica prejudicado.

Nesta perspectiva Nérici (1972) considera que a influência da família é básica e fundamental no processo educativo do imaturo e nenhuma outra instituição está em condições de substituí-la. Embora muitas vezes o trabalho ou a falta de tempo são algumas justificativas para essa ausência, considera-se que essas "desculpas" futuramente não irão sanar as carências intelectuais, afetivas e sociais que poderão aflorar no aluno.

Outro desafio notável presente na sala do alfabetizador é a indisciplina dos alunos durante as atividades diárias propostas pelo professor, a falta de interesse e a falta de otimismo para conquistar uma vida futura próspera está cada vez mais distante dos nossos alunos. Falta amor pela busca do conhecimento, pois para a grande maioria dos alunos a atividade estudar é fatigante e obrigatório.

Uma boa parcela da aula é reservada para advertir os alunos indisciplinados, que muitas vezes até lançam "palavrões" pejorativos contra o professor e os outros alunos. Nesta perspectiva nota-se que cada vez está mais difícil estabelecer regras para ordenamento e coerção desses alunos.

De acordo com Piaget (1977, p.7) "toda moral é um sistema de regras e a essência de toda moralidade consiste no respeito que o indivíduo sente por tais regras".

Por isso mais uma vez o professor entra em ação na busca constante de meios que estabeleçam regras de convivência e de respeito ao próximo, priorizando a cidadania. Cabe ao educador usar ferramentas dinâmicas e eficazes para uma boa sintonia entre os aspectos intelectuais sociais.

Essa tarefa faz parte da interdisciplinaridade vivenciada em sala de aula com os múltiplos usos dos eixos de formação humana propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais que considera o aluno em sua totalidade, e não fragmentado.

Estes são alguns desafios que tem afrontado o professor alfabetizador em seu fazer educativo, que causam angústias, dificuldades e sofreres. Que dia a dia o conduz à ação/reflexão/ação de sua prática pedagógica na busca de soluções para transformar esse cenário frustrante do contexto educacional.

1.2 A ESCOLA, O SUJEITO E A APRENDIZAGEM.

A prática pedagógica deve sempre objetivar a formação integral do aluno, buscando proporcionar a construção dos conceitos e situações para os casos apresentados por meio de pesquisas, experimentações e discussões, contribuindo assim, para os desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social dos educandos. De acordo com os PCN (BRASIL, 1998):

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (BRASIL, 1998, p. 56):

Diante disso, é necessário que o aluno tenha conhecimento da importância daquilo que vai aprender, tornar-se consciente e motivado para a aprendizagem da

leitura, levando-a para uma prática inserida no seu cotidiano com diferentes modalidades no ensino da leitura. Nos PCN (BRASIL, 1998) estão expressos que:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisa fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. (BRASIL, 1998, p. 58)

É fundamental entender que para formar leitores, se faz necessário à escola criar ambiente estimulador, com condições favoráveis para que se desenvolva a prática da leitura, onde o aluno se sensibilize pela necessidade de ler, criando um espaço agradável no qual o leitor queira permanecer nele e poder desfrutar o que há de melhor, tornando assim um veículo facilitador da aprendizagem no qual lhe dará autonomia diante do seu conhecimento. Segundo Macedo (1996)

Dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura (...) participem e conheçam o valor que a possuem, despertando o desejo de ler. (MACEDO, p. 56, 1996)

É preciso que a escola ofereça condições para que os alunos construam aprendizagens na leitura, além de conquistar o educando de forma prazerosa, para que ele desenvolva o hábito de ler utilizando seus recursos e baseando-se num planejamento que atenda não só os alunos bem sucedidos, mas que dê maior ênfase aos que apresentam dificuldades como leitores, possibilitando um despertar para que as dificuldades transformem-se em facilidade, sensibilizando-os e assegurando-os na apropriação de textos orais e escritos. Os PCN (BRASIL, 1998) esclarecem que:

A concepção do ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis: livro didático, giz e lousa, televisão ou computador. A presença de aparato tecnológico na sala de aula garante mudança na forma de ensinar e aprender. (BRASIL, 1998, p. 41)

A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos, por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores. Entende-se que os recursos

tecnológicos pressupõem o desenvolvimento de aulas onde professor e aluno incorpora o desejo do saber através de meios modernos e capazes de processar novas informações e produzir conhecimentos, sendo necessária uma reflexão coerente sobre tais meios tecnológicos.

Os materiais didáticos devem traduzir os objetivos da aula, conduzir os resultados esperados, em termos de conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes. A relação teoria-prática deverá ser o sustentáculo dos materiais, seu uso deve ser adequado e a apresentação deve atrair e motivar o aluno para a tecnologia eletrônica. Tratando-se de tecnologia eletrônica, Oliveira (2002, p. 31) prescreve que:

A tecnologia eletrônica – televisão, videocassete, máquina de calcular, gravador e computador – pode ser utilizado para gerar situações de aprendizagem com maior qualidade, ou seja, para criar ambientes de aprendizagem em que a problematização, a atividade reflexiva, atitude crítica, capacidade decisória e a autonomia sejam privilegiadas. (OLIVEIRA, 2002, p. 31)

Considera-se que a tecnologia eletrônica está inserida na sociedade, como também na escola e que esses meios facilitem a aprendizagem de forma conveniente à realidade daqueles que têm acesso e são capazes de utilizá-los com verdadeira apropriação, permitindo que as informações proporcionadas por eles venham contribuir de forma sistemática para o seu crescimento pessoal e educacional.

Portanto, é viável que o professor tenha a preocupação de usar recursos didáticos no decorrer de suas aulas, porém, deve estar ciente do que é possível usar, como usar e para quê usar, diante das situações inerentes para o ensinar e o aprender para os educandos. Mas a leitura é uma fonte de conhecimentos, conquistas, satisfação pessoal e realizações que servem de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar. A leitura, além de fornecer a matéria-prima para a escrita, contribui para a construção de modelos relacionados às formas de escrita. Ainda nos PCN (BRASIL, 1998, p. 54) está escrito que:

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa construir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realizações imediatas. Como se trata de uma prática social, complexa, se a escola pretende transformar a leitura em um objeto de aprendizagem, deve preservar sua natureza e complexidade, sem descaracterizá-la. (BRASIL, 1998, p. 54)

Nesse sentido, a leitura deve acontecer continuamente com as diferentes formas e objetivos no contexto do cotidiano, e para que tenha sentido para o educando, tenta-se descrevê-la de forma sucinta, através do presente instrumento. Para aprender a ler, é preciso interagir com uma variedade de textos escritos e participar de fato dos atos da leitura.

É importante que a criança receba incentivo e ajuda de leitores experientes para ampliar os seus objetivos e interesses. “Verifica-se que a leitura é um processo que atende a diferentes propósitos e precisa ser claramente mostrada às crianças em função das aprendizagens que ocorrem por imitação da pessoa adulta”.

Segundo Oliveira (2002), o papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para que do que aprendem e, assim, desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar.

Conforme se observa na citação do autor, o grande questionamento que se coloca é como os professores deverão atuar para que os alunos adquiram as habilidades necessárias a sua formação cultural, tornando-se cidadãos e profissionais competentes e responsáveis, destacando-se em suas funções, através de um conhecimento multidisciplinar.

Oliveira (2002) afirma ainda que ao professor orientar os alunos na convivência com fontes variadas de informações, processando-as, para manter-se atualizado e integrá-las ao seu dia-a-dia. Os educadores atuais devem procurar o autoconhecimento para uma evolução pessoal e, também, a comunicação em todos os níveis sociais, para desenvolverem uma visão abrangente da realidade.

Assim estarão aptos a interagir em grupos, abertos às novas e mais inusitadas soluções, flexíveis e criativos para atender às necessidades da educação. Quanto a ponto de vista legal, o conceito de aprendizagem vai ao encontro da perspectiva de estudo, onde o sujeito para aprender, precisa realizar um importante trabalho cognitivo, de análise e revisão dos seus conhecimentos, a fim de fazer com que os novos conhecimentos que adquiriu se tornem realmente significativos e lhe propicie um nível mais elevado de competência. É pela aprendizagem nas relações com os outros que se constrói os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental. (OLIVEIRA, p. 29, 2002)

Compete aos profissionais da área de aprendizagem, propiciar melhores condições para que o aluno se aproprie das estruturas cognitivas fazendo uso dela. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, este é o progresso gradativo das habilidades dos seres humanos no sentido de obterem conhecimento e se aperfeiçoarem intelectualmente.

Com relação ao desenvolvimento cognitivo, também se nota a existência de estágios ou períodos semelhantes. Isso significa que a natureza e a caracterização da inteligência mudam significativamente com o passar do tempo. Por isso, Piaget organiza o desenvolvimento intelectual nos seguintes estágios: sensório-motor (0 a 2 anos); pré-operacional (2 a 6 anos); de operações concretas (7 a 11 anos); de operações formais (12 anos em diante). Segundo Piaget (1996, p. 89): O raciocínio é o aspecto mais importante que se apresenta no período das operações concretas.

As ações são controladas pela atividade cognitiva, não precisando das percepções que eram necessárias no período pré-operacional. Neste período, a criança opera através da seriação, organizando mentalmente um conjunto de objetos tanto na ordem crescente como decrescente de tamanho, cor e forma. Logo, a capacidade de seriar vai sendo construída pelo sujeito gradativamente.

No primeiro estágio (inteligência sensório-motora), a atividade intelectual é de natureza sensorial e motora: a criança percebe o ambiente e age sobre ele. Já no segundo estágio (inteligência intuitiva ou pré-operacional), o principal progresso em relação ao sensório-motor, é o desenvolvimento da capacidade simbólica.

A criança começa a usar símbolos mentais – imagens ou palavras – que representam objetos que não estão presentes. Nessa época, há uma verdadeira evolução lingüística. A criança, que aos dois anos possuía vocabulário de aproximadamente 270 palavras, por volta dos três já fala cerca de 1000 palavras; provavelmente compreende outras 2000 ou 3000 e já forma sentenças bastante complexas.

Piaget (1996) notou várias características do pensamento infantil nesta fase, como o egocentrismo, que é definido pela incapacidade de a criança se colocar do ponto de vista de outrem; a centralização, onde a criança consegue perceber apenas um dos aspectos de um objeto ou acontecimento, ou seja, ela focaliza apenas uma dimensão do estímulo, centralizando-se nela e sendo incapaz de levar em conta mais de uma dimensão ao mesmo tempo; o animismo, onde a criança atribui vida aos objetos; o realismo nominal, pois ela pensa que o nome faz

parte do objeto, que é uma propriedade do objeto que ela representa, ou seja, acredita que o nome da lua está na lua.

Dessa forma, afirma que o nome está dentro do objeto, sendo parte essencial dele; a classificação a criança ainda não domina os critérios de classificação, como juntar objetos de cores e tamanhos iguais ou parecidos e a seriação, onde as crianças pequenas são incapazes de lidar com problemas de ordenação ou de seriação (como tamanho de objetos).

No terceiro estágio (operações concretas), as operações mentais da criança ocorrem em resposta a objetos e situações reais. A criança usa lógica e raciocínio de modo elementar, mas somente os aplica na manipulação de objetos concretos.

No quarto estágio (operações formais), o pensamento já não depende tanto da percepção ou da manipulação de objetos concretos. As operações lógicas serão realizadas entre as ideias, expressa numa linguagem qualquer (palavras ou símbolos), sem necessidade da percepção e da manipulação da realidade. O pensamento formal é, portanto, hipotético-dedutivo, ou seja, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de observação real.

1.3 A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E LEITURA DA LÍNGUA MATERNA

O leitor só se forma através de uma prática constante de leitura organizada em torno da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente. A partir da ideia de que a leitura é uma prática social, concebe-se o leitor não como um mero decodificador, mas como alguém que assume um papel atuante na busca de significações. Segundo Vygotsky (apud Souza e Silva, 1994):

O desenvolvimento não precede o ensino, mas desabrocha numa contínua interação contribuindo ao ensino, visto que as funções psicológicas nas quais se baseia a língua escrita ainda estão começando a surgir no momento da escolarização. As crianças já têm conhecimento dos fatos, o ensino vai norteá-las levando-as a desenvolver as capacidades a partir do momento que se inicia a vida escolar. (VYGOTSKY APUD SOUZA E SILVA, 1994, P. 44):

O processo de construção da escrita exige que a criança possua um espaço que favoreça um ambiente alfabetizador, onde ela possa manipular verificar e construir a sua escrita. Para Freire (1982, p. 11): “A leitura de mundo precede a

leitura da palavra”. Isso significa dizer que a leitura de um texto começa antes do seu contato que possa ler também o que não está escrito identificando os elementos implícitos, estabelecendo relação entre o texto que está lendo e outros textos já lidos.

O leitor deverá ser capaz de selecionar estratégias de leitura para construir significados enquanto lê. Compreende-se assim, que a capacidade do leitor não está vinculada apenas à decifração de sinais, mas, sobretudo à capacidade de dar sentido a esses sinais e compreendê-los. Esse diálogo com o leitor e o objeto lido é determinado por situações concretas e desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto lido apresenta.

Nos ciclos iniciais, as leituras deverão ser extraídas a partir da superfície do texto. Apesar de sua relevância para a formação integral constata que existe uma crise de leitura. Tal crise resulta na ausência de leitura na escola, principalmente de livros já que poucos têm acesso leitura mais abrangente.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa construir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realizações imediatas.

Como se trata de uma prática social, complexa, se a escola pretende transformar a leitura em um objeto de aprendizagem, deve preservar sua natureza e complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com as diversidades que caracterizam a leitura.

A leitura deve acontecer continuamente com as diferentes formas e objetivos no contexto do cotidiano, e para que tenha sentido para o educando, tenta-se descrevê-la de forma sucinta. Para aprender a ler, é preciso interagir com uma variedade de textos escritos e participar de fato dos atos da leitura. É importante que a criança receba incentivo e ajuda de leitores experientes para ampliar os seus objetivos e interesses. É nesse sentido que Cagliari (2003)

Ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. Na prática escolar, parte-se sempre do pressuposto de que o aluno já sabe decifrar a escrita, por isso o termo “leitura” adquire outro sentido. Trata-se, então, da leitura para conhecer um texto escrito. (CAGLIARI, 2003, 312)

Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido. Para os alunos obterem uma boa leitura, é necessário que eles desenvolvam a vontade e o desejo de estudar buscando aperfeiçoar a leitura, já que esta contribui para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos educandos. Contudo, o progresso na aprendizagem da leitura deverá ocorrer com a mediação do professor.

Cagliari (1982, p. 312) ressalta que “Quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar as ideias na mente para montar a estrutura linguística do que vai dizer em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento”

Em ambos os casos, a passagem pela estrutura linguística é essencial. Sem isso, não existe linguagem e, portanto, não pode existir fala nem leitura de nenhum tipo. Em sala de aula alguns alunos têm dificuldades na leitura porque eles não conseguiram decifrar as letras, não organizam as ideias para pronunciar as palavras, pois não basta a simples articulação de sons da fala para que uma pessoa entenda o que está sendo dito.

A interação não é suficiente para que a criança compreenda o sistema da língua escrita. Para se obter o entendimento para uma boa leitura, é necessário que cada pessoa se coloque diante dos acontecimentos apresentados ao momento propício, pois toda pessoa, além de falante, é também ouvinte – ouvinte não só das outras pessoas, mais também de si próprio.

Na concepção de Ferreiro (1995, p. 42): “A leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e “cuja aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas”. A escrita não é um produto escolar, mais sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e sendo um objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções culturais. Ou seja, a produção da escrita começa antes da escolarização.

As crianças se relacionam com a linguagem escrita, percebendo sua utilização, características e modalidades, muito antes de seu ingresso na escola. O próprio nome da criança, que é o primeiro texto com real significado, o nome de seus familiares, livros de histórias infantis que costuma ouvir em casa, enfim, existe um mundo de textos ao redor da criança que permite que ela interaja com a escrita em diferentes contextos de uso. (FERREIRO, p. 25, 1995)

A escrita pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-la. As consequências pedagógicas mudam drasticamente e a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem, ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

Entende-se que a escrita pode ser representada pela linguagem, como também pelo código de transcrição gráfica das unidades sonoras, pois como bem enfatiza Ferreiro (id): “A construção de qualquer sistema de representação envolve um processo de diferenciação dos elementos e relações reconhecidas no objeto a ser apresentado e uma seleção daqueles que serão retidos na representação”.

Quanto mais domínio de mundo o indivíduo tiver, maior capacidade terá de compreender a realidade, sendo, portanto, capaz de ver o mundo de forma ampla e transformadora. Solé (1999, p. 51), preconiza “que muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livros com frequência”.

A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escape dos limites da instituição.

Quando as crianças não sabem ler, a sala de aula deve ser um espaço que ofereça recursos de leitura, para que a criança tenha a oportunidade de ler sem que alguém fique perguntando o que estão entendendo.

É preciso compreender que o processo de leitura depende de várias condições: a habilidade e o estilo pessoal do leitor, o objetivo da leitura e o nível de conhecimento prévio do assunto tratado e o nível de complexidade oferecido pelo texto. É importante saber que quanto mais o professor entender o processo de construção do conhecimento da leitura, mais eficiente será seu desempenho e do aluno. (SOLÉ, 1999, p. 54)

Afinal, ensinar de fato é aprender. É importante também que seja dada oportunidade para que o vocabulário seja enriquecido. Acredita-se que crianças que não falam, ou que tenham a comunicação muito prejudicada tenham mais dificuldades na aprendizagem e com o processo de alfabetização.

No entanto, não existe uma idade para o aprendizado da leitura. Há crianças que aprendem a ler muito cedo, em geral porque a leitura passa a ter tanta importância que não conseguem ficar sem ela.

Para que o processo de alfabetização seja iniciado, é necessária uma linguagem verbal adequada que, futuramente, dê condições à comunicação e à fixação de conceitos. O enriquecimento do vocabulário é indispensável a uma forma de expressão mais eficiente. (CASTRO, 1982, p. 82-83)

A ampliação do vocabulário alimenta também a imaginação e possibilita uma melhor conceituação (...). A pronúncia correta das palavras é importante não só para possibilitar a alfabetização, mas também para um bom desempenho social da linguagem. Na realidade, as crianças que iniciam o processo de alfabetização devem ser estimuladas para desenvolver uma boa comunicação, o que contribui para a aprendizagem da leitura.

Portanto, a leitura é um processo que envolve uma série de estratégias e que, nesse processo, a pessoa vai enriquecendo o seu vocabulário para ter um melhor desempenho social da linguagem. Mas para que a aprendizagem aconteça, é preciso ter vontade e desejo para buscar, descobrir e aperfeiçoar-se, entender a essência do aprender.

2. DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E A ESCRITA

2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem dos alunos sempre representaram um enorme desafio para a educação sinalizando a necessidade de metodologias e outras ferramentas pedagógicas específicas. Sempre constituiu um termo utilizado para descrever uma série de problemas de aprendizado relacionados à maneira que o cérebro absorve, usa, armazena e envia informações. Muitos alunos possuem essa condição e podem ter dificuldade com uma ou mais das habilidades que devem desenvolver com precisão, que são a leitura, escrita, audição, fala, raciocínio e matemática. O tipo mais comum é a dificuldade para ler.

Na realidade, educar alunos para a vida não demanda apenas transmitir conteúdos, mas também ensiná-los a viver, a administrarem suas vidas e a se relacionarem uns com os outros. Contudo, lecionar é um grande desafio dentro do universo educacional, já que os professores precisam entender qual será sua melhor forma de atuação dentro da sala de aula, em que exige diversas metodologias para chegar ao aprendizado.

Essa busca pela interação, escuta sensível e consideração pelo contexto social do aluno, favorece o processo de aprendizagem. Sendo que, nessa perspectiva ambas as partes aprendem e ensinam construindo assim, um meio que facilita a aprendizagem, ou seja, o professor se torna um mediador de ensino, sem haver submissão (GOULART, 2013).

Atualmente, as principais dificuldades de aprendizagem dos alunos estão associadas a algum comprometimento no funcionamento de certas áreas do cérebro. Contudo, conflitos pessoais e familiares também podem causar sintomas referentes a problemas de atenção, ansiedade ou agitação.

A dificuldade de aprendizagem representa um obstáculo, uma barreira, um sintoma que pode ser de origem cultural, cognitiva ou até mesmo emocional. É essencial que o diagnóstico seja feito o quanto antes, uma vez que há consequências em longo prazo.

O ato de ensinar requer que professores transformem a vida dos alunos através de processos permanentes de aprendizagem. Os docentes devem auxiliar os estudantes na construção da identidade pessoal e profissional, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação, de modo a torná-los cidadãos realizados, produtivos e éticos.

Assim, para muitos alunos, as dificuldades de aprendizagem nas diferentes fases de desenvolvimento (infância, adolescência e vida adulta) ocorrem pelo fato de alguns professores não conseguirem dominar suas práticas pedagógicas em sala de aula, devido às muitas dificuldades do processo.

Já o distúrbio de aprendizagem está ligado a “um grupo de dificuldades pontuais e específicas, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica”. Neste caso, há uma questão de neurônios, de conexão. O cérebro funciona de forma diferente, pois, mesmo sem apresentar desfavorecimento físico, social ou emocional, os portadores do distúrbio de aprendizagem demonstram dificuldade em adquirir o conhecimento de determinadas matérias.

Em relação à dificuldade de aprendizagem apontada, conforme Smole (1999), a partir dos estudos realizados por Gardner sobre a teoria das inteligências múltiplas, cada pessoa possui capacidades diferentes, ou seja, cada indivíduo possui habilidades distintas, onde alguns alunos têm mais facilidade no aprendizado de algumas áreas de conhecimento do que outros. Isso significa dizer que, não existem pessoas mais inteligentes do que outras e sim diferentes capacidades que caracterizam sua inteligência.

Assim, entende-se a importância do professor pensar estratégias e práticas pedagógicas para mediar o aprendizado. Essa questão, também articulada à diversidade cultural, foi apontada pelos interlocutores como um desafio a ser enfrentado diariamente para o sucesso do desenvolvimento.

2.2 O PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO

A questão “Ser educador” não é e nunca foi tarefa fácil, são muitos os problemas, as dificuldades, as incertezas, as preocupações, enfrentadas por esses

profissionais na trajetória de sua carreira docente. Dentre as dificuldades pode-se citar, a falta de motivação, o desinteresse dos educandos, as dificuldades de aprendizagem, além disso, existem também problemas relacionados às condições de trabalho, com as quais os profissionais da área da educação convivem diuturnamente.

Diante disso, pode-se citar também o descaso do próprio governo para com os profissionais da educação; salários defasados, plano de carreira que não atende as necessidades docentes, estes são alguns dos aspectos que confirmam o quão difícil é ser um educador, levando em conta também a política nacional de valorização do magistério no Brasil.

Assim, ao falar em caminhos para o desenvolvimento da prática docente no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, deve-se antes ter um entendimento, uma visão clara sobre os conceitos que envolvem as expressões: método e metodologia, já que ambas participam ativamente do desenvolvimento de práticas de ensino e de estratégias adequadas a serem desenvolvidas na sala de aula.

O método de ensino, desse modo, é condicionado e condicionador dos ambientes de aprendizagem. Nesse sentido, o método de ensino deve ser entendido como caminho através do qual se promova uma ação pedagógica consciente, organizada criticamente, com a finalidade de tornar o trabalho docente e discente mais fácil e mais produtivo para o alcance das metas desejadas e necessárias para o desenvolvimento integral dos educandos (RAYS, 2000, p. 92)

A época em que vive-se, as mudanças da sociedade brasileira precisam de uma visão mais abrangente e completa dos problemas e das alternativas de solução que a educação escolar exige. “A visão interdisciplinar pode oferecer opções mais adequadas e eficazes” (PAVIANI, 1986, p. 14). Com certeza, a interdisciplinaridade é uma das formas que os educadores encontram para aperfeiçoar sua prática docente, possibilitando aos seus educandos um trabalho diferenciado, com melhores chances de ser desenvolvido com êxito, de cativar a atenção e o interesse dos educandos.

Conforme Ferreira (2009, p. 22): “[...] a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências - ou melhor, de áreas do conhecimento”. Por meio da prática

interdisciplinar é possível relacionar diferentes áreas do conhecimento em torno de uma mesma temática, integrando conteúdos afins.

Somente pela prática interdisciplinar é possível envolver vários educadores, os quais podem dialogar entre si, revendo conceitos acerca do tema trabalhado, isto é, planejando coletivamente e com determinação situações pedagógicas que visem a totalidade do conhecimento. Em conjunto, torna-se mais fácil organizar práticas interdisciplinares que atenda às necessidades de integração de saberes para determinado grupo de educandos, levando em conta a realidade dos sujeitos em situação de aprendizagem.

Dessa maneira, a prática docente exercida na perspectiva da interdisciplinaridade, tem boas possibilidades de atingir o seu objetivo maior que é a construção de conhecimentos significativos pelos alunos, pois: “A interdisciplinaridade do professor pode envolver e modificar o aluno quando ele assim o permitir” (TAVARES, 2009, p. 30). Outro ponto importante é que não basta o educador ser interdisciplinar, é fundamental, também, que o educando queira apreender aquilo que lhe está sendo apresentado de forma integrada.

A interdisciplinaridade favorece aos próprios educadores a se reeducarem no que diz respeito à maneira de problematizar e ver o mundo, de selecionar e organizar os conteúdos, os quais atualmente ainda são vistos de forma fragmentada. Conforme afirma Ferreira: “[...] ser interdisciplinar é saber que o universo é um todo, [...]” (2009, p. 20), por isso, deve-se agir, principalmente no que diz respeito à educação, pensando no todo e não apenas nas partes.

Conforme essa situação, para que a interdisciplinaridade possa ocorrer é necessário que haja o engajamento de todo o corpo docente da escola, pois, para que o trabalho atinja os objetivos de integrar diferentes saberes é fundamental que todos desenvolvam suas práticas coletivamente, relacionando as diferentes áreas do conhecimento. Para isso, é muito importante que cada educador tenha algum conhecimento acerca dos conteúdos que não fazem parte da sua área específica de atuação, que estão envolvidos em outras áreas, as quais devem ser consideradas no decorrer do trabalho, que se pretende como sendo interdisciplinar e edificante.

Assim, ainda existe um longo caminho a ser percorrido para que a interdisciplinaridade se torne realidade na prática pedagógica dos professores de educação básica, no cotidiano das escolas. Todavia, o importante é que cada

educador que acredita nos benefícios que a prática interdisciplinar pode trazer para a educação, continue esforçando-se para que a interdisciplinaridade seja assumida como atitude entre os professores.

Como aborda Fazenda (2009, p. 18): “O projeto interdisciplinar surge às vezes de um (aquele que já possuía em si a atitude interdisciplinar) e se contamina para os outros e para o grupo”, daí a importância de cada um, mesmo que de forma isolada, comece a lutar por aquilo que acredita.

Há um aspecto relevante em relação ao compromisso com os aspectos político e pedagógico na escola e sem dúvida alguma, a questão da formação de educadores, considerada de fundamental importância ao processo de qualificação do ensino e da aprendizagem. Para que se possa exercer de maneira eficiente, seja qual for a profissão, o sujeito, antes de tudo, necessita ter uma formação que o qualifique para o desempenho de suas atividades.

A profissão docente, em especial, é bastante delicada no que se refere ao processo de formação, haja vista que os educadores lidam diretamente com pessoas; as pessoas querendo ou não, estão tendo seu caráter moldado a partir da escola, ou seja, de seus educadores. Assim sendo, Nosso próprio agir como professores, as decisões tomadas diante de casos concretos, o funcionamento da escola como um todo, os procedimentos didáticos, têm eficácia na produção de comportamentos éticos. “Entre mostrar e dizer como se deve proceder e o exemplo concreto do próprio agir não pode haver contradição sob pena de falsificar o que se pretende ensinar” (PAVIANI, 1986, p. 110).

Com relação à formação universitária, os cursos de licenciatura, também precisam passar por algum aperfeiçoamento. É claro que o conhecimento científico que se adquire por meio das universidades é imprescindível para que haja uma formação de qualidade para uma escola eficaz.

Tudo o que os cursos de formação de professores, de formação continuada oferecem, realmente são necessários para que esses profissionais possam atuar de forma a preparar os educandos para a vida em sociedade, para o exercício pleno de sua cidadania, para sua inserção no mundo do trabalho. Isso não pode realizar-se de forma alienada, mas de forma crítica e participativa, tendo plena consciência de que cada indivíduo é único, que todos somos seres “inacabados”, nisso Freire corrobora ao enfatizar que: Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele (PAVIANI, 1996, p. 53).

Para que o processo ensino-aprendizagem seja possível, existem dois pontos essenciais, que sem eles não há ensino e muito menos aprendizagem. Em primeiro lugar está a questão da ética profissional, que “a partir de pressupostos éticos gerais e básicos, tenta legitimar princípios morais aceitos em determinada comunidade como sendo de validade comum” (PAVIANI, 1986, p. 104).

Neste sentido, querendo ou não, os educadores servem de exemplo para os educandos, daí a necessidade de ter conduta ética diante das várias e difíceis situações que se apresentam no decorrer da trajetória docente, pois, “Sua ação como educador expressa uma escolha que influencia o comportamento do estudante” (PAVIANI, 1986, p. 105), ou seja, o comportamento dos professores pode ter influência positiva ou negativa para o processo formativo dos alunos.

Em segundo lugar, está a questão da competência profissional; por mais que um educador seja bom para os educandos, mas se ele não apresentar competência no desenvolvimento do trabalho docente, não terá como criar condições que possibilitem aos alunos a construção de novos conhecimentos, isto é, não haverá, neste caso, nem ensino e nem aprendizagem. E objetiva-se um ensino e aprendizagem eficaz

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA PARA A EDUCAÇÃO

É preciso compreender que a família é um sistema muito complexo que passou por várias transformações ao longo de sua trajetória. Segundo Libâneo (1994), a família é a instituição jurídica e social que dá origem à sociedade conjugal, da qual derivam três diferentes vínculos: o conjugal, o de parentesco e o de afinidade. Certamente essa concepção exerceu destaque na história da família, ao longo de sua trajetória, no entanto, vale ressaltar que no atual contexto, o casamento, enquanto única forma de constituição e legitimação da família, perdeu significativa importância.

Os filhos dependerem de seus pais para se desenvolverem é uma condição natural dos seres humanos. Os desafios que encontram, nas fases iniciais da vida, são superados com o auxílio dos adultos. Assim, toda dificuldade, medo ou dor que eles sentem os pais parecem sentir em dobro, tudo pela preocupação e por não querer vê-los sofrer. É assim na vida desde o nascimento até a idade adulta. Há uma etapa, porém, em que esses sentimentos se

intensificam: na conhecida “idade escolar”. Essa fase da vida, para alguns, pode ser um grande desafio a ser vencido, especialmente se vier acompanhado dos distúrbios de aprendizagem.

Partindo desse princípio, uma educação de qualidade deve favorecer a relação entre escola e família, objetivando o desenvolvimento das crianças por meio da integração entre a educação escolar e a educação realizada no meio familiar, visto que a comunicação e o relacionamento frequente entre as pessoas envolvidas no processo educativo refletem diretamente no desenvolvimento das crianças atendidas na educação Infantil.

Dessa forma, discutir a relação entre família e escola faz-se necessária para que haja uma nova relação entre ambas, onde possam colaborar na consolidação do aprendizado significativo. O desenvolvimento acontecerá, na medida em que o aluno torne-se protagonista do aprendizado, enquanto pais e professores cúmplices de uma evolução educacional dialogada.

A atitude de educar é uma ação exigente e desafiadora, mas também prazerosa e gratificante, que envolve as instituições sociais em que as crianças estão envolvidas. Assim, considerando que a criança aprende o tempo todo, nas diversas instâncias que a vida lhe apresenta, compreende-se que a família exerce papel fundamental no processo de construção de conhecimentos significativos e de socialização da criança, em que a interação traz um desenvolvimento considerável. Mediante isso, o autor Lacasa (2010) afirma que,

Pode se pensar então que a escola e a família podem ser entendidas como contextos educacionais do desenvolvimento. Dessa perspectiva, tanto o contexto familiar como o da escola são constituídos por pessoas que desempenham um determinado papel e que, além disso, utilizam instrumentos que cumprem determinadas funções. (LACASA, 2021, p. 406)

Neste sentido, a participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. A vida familiar e a vida escolar devem ser simultâneas e complementares. É preciso que a escola esteja em perfeita sintonia com a família, pois a escola é uma instituição que deve complementar a formação educacional da criança. Essas duas instituições devem se organizar na tentativa de alcançar o objetivo maior, que é a formação integral da criança.

Considera-se que tanto a família quanto a escola têm o objetivo de educar o sujeito, desde sua mais tenra idade. Portanto, é preciso que ambas mantenham uma relação de proximidade, para que juntas alcancem seus objetivos. Nérici (1972, p. 189), "[...] poucos são os pais que acompanham a educação de seus filhos, prestigiando e entrando em contato com a escola, a fim de colaborar com ela na tarefa em que ambas devem ser responsáveis [...]". O processo de ensino-aprendizagem inicia-se muito antes da criança ingressar na escola.

É por meio das vivências e experiências adquiridas no convívio com pai, mãe, irmão, ambiente onde está inserida, que irá desenvolver suas características sociais, morais e éticas. Isso corresponde dizer que a família é indispensável à aprendizagem da criança. À escola, cabe o papel de desenvolver nas crianças suas capacidades físicas, mentais e afetivas, ajudando as na formação de seu caráter, para que se tornem seres éticos, autônomos e atuantes na sociedade.

Realmente é nessa etapa que a criança começa a ter um aprendizado mais relevante em seu desenvolvimento cognitivo. Portanto, tanto as famílias como a escola exercem papéis importantes e complementares no processo ensino-aprendizagem da criança. Assim, torna-se relevante que haja parceria entre ambas, para que as crianças se desenvolvam e alcancem um aprendizado significativo, estando aptas para atuarem em sociedade. Como ressalta Kaloustian (1998),

[...]é a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal. É em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. (KALOUSTIAN, 1998, p. 12)

Desta maneira, o grupo no qual a criança está inserida exerce um papel importante no seu desenvolvimento e este processo inicia-se muito antes do ingresso da criança na instituição escolar. São pelas vivências adquiridas no convívio familiar dentre outras relações que essa aprendizagem vai crescendo, gradativamente, e sistematiza-se no ambiente escolar, que vem para reforçar esses valores primeiros, acrescentando, mas não assumindo para si o papel inicial da família.

O contexto familiar do qual a criança se origina pode contribuir para sua formação. Algumas crianças podem apresentar mau comportamento, baixa

autoestima, enquanto que aquelas que têm as famílias atentas ao seu desenvolvimento tendem a se sentir mais seguras, motivadas e com vontade de aprender. A família também precisa criar momentos para orientar as crianças, sobre assuntos relacionados à violência, às drogas, à sexualidade e outros desafios presentes em nosso cotidiano. A ela também cabe a missão de ensinar noções de solidariedade e que compartilhar faz parte da convivência que temos com o outro no nosso dia a dia.

Portanto, torna-se imprescindível que a família participe de momentos na escola e das atividades de encontros com esse espaço, pois a simples atitude em demonstrar interesse pelo cotidiano escolar do filho fornece a base emocional e transmite autoconfiança ao educando, levando-o a perceber que a educação é importante. Isso representa uma grande mudança no atual contexto da relação família e escola. Vale ressaltar que uma família presente e participativa na vida escolar da criança é condição essencial para o desenvolvimento escolar favorável.

3. DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL INDÍGENA: ANÁLISE DE PROFESSORES DA EMIEIF “KABA IBOY” EM JACAREACANGA-PARÁ.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

Localizada às margens do Rio Tapajós, Aldeia Morro do Careca-Jacareacanga - PACEP: 68195-000. Trabalha-se a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens Adultos. A escola tem alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água do rio, energia de gerador, não possui esgoto, o Lixo é destinado à queima.

Estruturada com 1 sala de aula. Segundo dados do Censo/2020, funciona a Educação Infantil - Pré-escola, aulas no período da manhã, com um número de turmas do Jardim I, com média de alunos 12 por turma.

O Ensino Fundamental funciona com Multisséries com aulas no período da manhã, tarde, com 3 turmas.

Trabalha-se Artes (Educação Artística, Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas e outras), Língua Indígena, Ensino Religioso, Estudos Sociais, Estudos Sociais ou Sociologia e Educação Física.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa em questão ocorreu inicialmente considerando a abordagem de uma pesquisa bibliográfica em que vários autores renomados que tratam do assunto foram pesquisados para fundamentar teoricamente esse trabalho, como Brasil (1998), Cagliari, (1997), Gil (2008), Maruny (2000) Moraes (1997), Zacharias (2018).

O método utilizado foi de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e, parte da observação da realidade de um ambiente escolar cujas situações de aprendizagem são importantes para a aquisição da leitura e escrita. Para Minayo (1994, p. 22), “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas”. Nessa perspectiva, a pesquisa possibilitou compreender e interpretar as informações exploradas, desvelando sentido e significado sobre a temática investigada.

Assim, pretende-se viabilizar situações de aprendizagem, que superem as dificuldades de leitura e de escrita, observando como os professores trabalham o desenvolvimento dessas habilidades e quais as situações conflitantes que podem resultar em um cenário problemático acerca desse processo.

Desse modo, buscou-se responder às seguintes questões norteadoras: Quais as dificuldades encontradas pelo professor para o ensino da leitura e da escrita? Quais estratégias utilizadas pelo professor para ajudar o aluno na aquisição da leitura da escrita? Qual a contribuição da família no processo de aprendizagem do aluno de alfabetização? Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos da Escola Kabá Ibuy durante o processo de aquisição da leitura e da escrita?

Objetivou-se Identificar as dificuldades de Leitura e Escrita na escola EMIEIF Kabá Ibuy em Jacareacanga – Pará, como também, identificar os desafios de professores com a aquisição da Leitura e Escrita, buscando perceber as metodologias adotadas pelo professor sobre aquisição do ato de ler e escrever pelos alunos e propor sugestões e direcionamentos práticos para a aquisição da leitura e escrita na sala de aula.

O presente trabalho foi realizado na escola EMIEIF Kabá Ibuy em Jacareacanga – Pará, em Setembro de 2020 e os sujeitos das pesquisas foram professores da referida escola. Os dados foram coletados por meio de questionários elaborados para entrevistas individuais, com coletas e análises de dados com discussão sobre as respostas, propostas sobre metodologias sócio-interativas sobre trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Os professores entrevistados foram todos do sexo masculino, com idade de 22, 24, 28 e 38 anos de idade respectivamente. Três entrevistados são indígenas, e um, não respondeu. Dois têm graduação em Pedagogia e dois professores são finalistas do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Destes, dois já trabalharam em outra profissão como serviços gerais. Trabalham de 2 a 4 anos na escola. Primam pela excelência na formação dos indígenas, para que tenham um futuro melhor.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Diante da complexidade da língua portuguesa, há alunos que demonstram afinidade com o português de forma diferenciada. Vive-se em uma época dominada pela tecnologia e, por isso, não basta apenas ser excelente na fala, mas precisa também dominar a escrita, especificamente na aldeia onde ocorrer o estudo. .

Nas escolas, essa questão torna-se mais difícil devido o índio já ter conhecimento de sua língua e a portuguesa é mais complicada. A fim de esclarecer algumas dúvidas, quanto aos desafios da leitura e escrita na aldeia, foi realizada uma pesquisa na escola EMEIF kaba Ibuy em Jacareacanga.

Quadro 1- Por que é preciso ler e escrever corretamente? **Fonte:** Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga–Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Além de aumentar o conhecimento, o hábito da leitura aprimora o vocabulário e ajuda na construção textual.
P2	Através da leitura, falamos e escrevemos melhor, sabemos o que aconteceu na nossa história, nosso clima, nossa vida, nosso idioma que falamos, dentre muitas outras possibilidades.
P3	Por que há a compreensão do português e da linguagem.
P4	Sim, por que ler e escrever é pra não falar errado, e há também uma boa comunicação entre as pessoas.

Ao serem interrogados por que é preciso ler e escrever corretamente, os professores responderam que ajuda o conhecimento, no vocabulário, construção de textos. Também afirmaram que ajuda a falar e escrever bem, conhecer a sua história, há compreensão da linguagem e acima de tudo para haver uma boa comunicação entre as pessoas.

A comunicação é uma das bases para o convívio em sociedade. Sem ela, está-se no caos, já que seria praticamente impossível trocar conhecimento e técnicas capazes de garantir a sobrevivência de forma pacífica. Escrever bem não se resume apenas à difusão de ideias. É também uma habilidade capaz de transmitir confiança. Um candidato com um português impecável, por exemplo,

causa imediatamente uma boa impressão nos entrevistadores, obtendo uma grande vantagem perante seus concorrentes.

Para aprender a escrever bem é preciso, antes de qualquer coisa, estimular o hábito da leitura. Quanto mais livros, jornais, revistas você ler, mais acostumado ficará com a língua portuguesa e, inconscientemente, passará a escrever melhor. É preciso, porém, tomar um cuidado com o que você está lendo. Muitos blogs e sites da internet apresentam erros crassos de escrita que podem confundir seus leitores. Por isso, é importante escolher com cuidado as suas leituras. É importante optar por livros impressos por editoras já renomadas e jornais ou revistas de relevância, garantindo assim uma boa edição, sem erros de português.

Para escrever bem, é preciso estar disposto a praticar. Isso não é um talento nato, e sim uma habilidade a ser desenvolvida ao longo do tempo. Se você não se esforçar e treinar por meio da leitura e da prática, não vai conseguir melhorar. Por isso, dedicar-se a essa habilidade, a fim de garantir muitas oportunidades na sua vida profissional, é fundamental. A seguir, investigou-se sobre os principais desafios da escrita e leitura para os alunos indígenas.

Quadro 2: Quais os principais desafios da leitura e escrita para alunos indígenas? **Fonte:** Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga-Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	O domínio da linguagem falada, da leitura e da escrita, uma pessoa alfabetizada, tem a capacidade de falar bem, ler e escrever de forma competente.
P2	E difícil para um indígena, mas não é impossível, uma leitura com conhecimento, reflexão e ótimo vocabulário, sem desenvolver um texto com mais destreza e facilidade.
P3	A compreensão da linguagem e do português.
P4	A leitura e escrita são difíceis para os alunos indígenas. É por isso que nós ensinamos tudo certo ao aprendiz indígena e assim, mostrar para a comunidade a evolução mesmo com as dificuldades.

De acordo com os entrevistados, os principais desafios da leitura e escrita para os indígenas, é a compreensão da linguagem e do português, uma leitura, reflexão e vocabulário mais eficiente, como também o domínio mesmo da língua falada. Diante disso, procuram ensinar para haver evolução da educação na aldeia.

É de fundamental importância o uso da leitura e da escrita na formação de cidadãos pensantes e agentes de sua própria história. Isso, para compreender,

criticar e transformar as práticas de leitura e escrita realizadas por profissionais de educação, em especial, os de língua portuguesa. Também mostrar as críticas já construídas pelas análises, que mudar o sistema educacional vigente é uma necessidade urgente e um processo complexo.

As atuais práticas de leitura e escrita realizadas pelos docentes em sala de aula não atendem ao propósito básico a que se destinam que é formar bons leitores e bons escritores no âmago do ambiente escolar. Mas o problema e as dificuldades são maiores que imaginamos e vão mais além do que o imaginável. Eles transcendem às melhores intenções dos educadores.

O problema já começa na formação dos profissionais de educação. Os profissionais que atuam em sala de aula devem ter conhecimento daquilo que vai ensinar. E, para que estes possam colaborar para a formação de leitores e escritores é necessário que tenham uma boa formação.

Como afirma Imbernón (2005, p. 15) “formar o professor na mudança para a mudança”. A formação do professor de boa ou má qualidade irá contribuir ou não para a formação de indivíduos reflexivos. Ler e escrever são, pois, um direito de todos e é dever da escola possibilitar a realização deste processo aos seus alunos.

É desumano a escola não viabilizar aos seus alunos, em seu ambiente, o acesso a saberes e práticas que dignifiquem a vida do ser humano enquanto cidadão pensante e agente da sua própria história. Tudo o que gera preconceitos fora da escola não deve e não pode jamais gerar dentro dela. É nela que devem ser desfeitos esses preconceitos. A escola é o espaço de incluir os excluídos pela sociedade e pelo mundo; é o espaço de gerar sonhos e colaborar para a realização deles. Prosseguiu-se com a questão sobre metodologias na escola pesquisada.

Quadro 3: Quais tipos de metodologias estão sendo utilizadas pelos professores, para a leitura e escrita dos alunos? **Fonte:** Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga–Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	São muitas, para seguir um determinado processo de aprendizagem.
P2	Através de aulas diferentes, podemos ensinar melhor nossos alunos.
P3	Segundo a capacitação da SEMED, devem ser usadas diversas metodologias, a começar dos anos iniciais para facilitar a aprendizagem.
P4	O professor deve ter capacidade de ensinar de formas diversas, com aulas diferenciadas, com brincadeiras, orientações e uso do livro, produção de recursos para melhor chamar a atenção dos alunos.

Quanto às metodologias na escola da aldeia, os investigados responderam que utilizam-se de orientações dos livros didáticos, brincadeiras e demais formas de ministrar uma aula motivadora para os alunos.

Na atualidade, é indispensável uma nova concepção de formação docente, seja ela inicial ou continuada, com um profissional que tenha pensamento crítico, disposto e preparado para as constantes mudanças diante do seu papel social, que não é mais de transmissor do conhecimento, mas de mediador, transformador e ativo, capaz de lidar com situações e problemas decorrentes no ambiente escolar.

A atividade pedagógica como qualquer profissão, exige saberes diferenciais, específicos, em virtude da sua singularidade. Mas seriam os saberes essenciais ao professor, o conhecimento teórico, a prática docente, as experiências pessoais, talento para ensinar. Porém, muitas vezes, o próprio docente não tem a cultura da leitura. Segundo Mizukami (1986),

Cabe ao professor evitar rotina, fixação de respostas, hábitos. Deve simplesmente propor problemáticas aos alunos, sem ensinar-lhes soluções. Sua função consiste em provocar desequilíbrios, fazer desafios. Deve orientar o aluno e conceder-lhe ampla margem de autocontrole e autonomia. Deve assumir o papel de investigador, pesquisador, orientador, coordenador, levando o aluno a trabalhar o mais independentemente possível. (MIZUKAMI, 1986, P.77-78):

Diante disso, é essencial a busca por um novo olhar, observar o professor não como um transmissor de conteúdo e o aluno como receptor, mas ambos, em uma constante interação e comunicação, baseada no respeito, no diálogo e na escuta. São por meio dessas aprendizagens, que desencadeiam um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo, também estão diante da necessidade de praticar as práticas pedagógicas.

Todavia, em toda a fase educacional, o professor estará promovendo o pleno desenvolvimento da criança e as competências destinadas de acordo com as propostas apresentadas para o ensino da leitura e escrita. Prosseguindo, investigou-se sobre a preparação dos professores para trabalhar a leitura e escrita na escola indígena.

Quadro 4: Os professores estão preparados para desenvolver a leitura e a escrita na escola indígena? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga–Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Os professores e alunos passam muito tempo na escola tentando a leitura e escrita, tentando sucesso. Mas mesmo assim é difícil.
P2	Sim, os professores estão preparados para ministrar aulas, inclusive buscando conhecimentos na faculdade e em cursos diversos.
P3	Razoavelmente, as crianças aprendem sim, a ler e escrever com muita dificuldade.
P4	Sim. Hoje, a maioria dos professores têm suas capacidades e habilidades para dar aulas dentro da escola indígena.

Quando á preparação dos professores para desenvolver a leitura e escrita na escola indígena, os entrevistados afirmaram que estão preparados, por que a maioria tem sua capacidade e habilidade para isso. E que mesmo de forma razoável, as crianças aprendem a ler e escrever. E mesmo com dificuldades, tentam ensinar para o sucesso.

É desumano a escola não viabilizar aos seus alunos, em seu ambiente, o acesso a saberes e práticas que dignifiquem a vida do ser humano, enquanto cidadão pensante e agente da sua própria história. A escola é o espaço de incluir os excluídos pela sociedade e pelo mundo; é o espaço de gerar sonhos e colaborar para a realização de quem está para aprender.

Neste sentido, professores, alunos, pais e diretores têm o direito de sonhar, mais que isso, eles precisam sonhar e acreditar nos seus sonhos. Infelizmente na escola não há mais espaço para os sonhos. É preciso que escola não continue funcionando como uma máquina implacável geradora de fontes vitais para a propagação e continuidade da exclusão.

Educar é uma arte e, sendo arte, assume, ao mesmo tempo, as funções de compartilhar saberes, prazeres e sonhos. Tomando esse ponto de vista como válido e relevante, há de concordar-se que a arte não exclui, ao contrário, inclui o seu leitor, apreciador no mundo que ela cria, traduz e retrata. Um professor é um artista na arte de ensinar

A escola deve ser espaço para criar e recriar, não para copiar e reproduzir ideias e sentimentos antigos. É preciso mudar a concepção de práticas educacionais prontas. A educação está aberta e pronta só para mudanças. Só assim, talvez, possa- se pensar num mundo mais fraterno, justo e solidário para

todos, onde um lugar comum exista e seja espaço de todos os homens e de todos os sonhos dos homens. E um professor qualificado e preparado para desenvolver um cidadão, é o que uma escola precisa. À seguir, questionou-se por que os alunos indígenas têm dificuldades para ler e escrever.

Quadro 5: Do seu ponto de vista, por que os alunos indígenas têm dificuldades de ler e escrever?
Fonte: Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga–Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	A visão do próprio jovem indígena, é a língua que atrapalha, que já conhece a sua e por isso, às vezes confunde.
P2	Muitas vezes nas aulas não são tão interessantes por causa da tecnologia.
P3	Os alunos têm dificuldades, por que os professores são mais acostumados nas séries iniciais. E poucos são acostumados com séries maiores.
P4	Por que o indígena nasce dentro da aldeia e cresce também. Estuda na mesma escola, e falam a mesma língua. Esses têm mais dificuldades por que ao estudar outra língua, fica mais difícil. Mas tem outros que estudam na escola dos brancos e esses já estão mais acostumados.

O Porquê dos indígenas apresentaram mais dificuldades para ler e escrever, os professores afirmaram que é por que o índio já conhece a sua língua e a outra fica difícil. E que professores mais trabalham com séries iniciais, tornando-se difícil ensinar os adultos.

Também afirmaram que a cultura indígena favorece. Aqueles que nascem e crescem na aldeia, têm mais dificuldades do que aqueles que estudam na escola dos “brancos”, por que já lidam com a língua portuguesa.

As dificuldades de leitura e escrita estão presentes no cotidiano das escolas, sendo que estas afetam todos os tipos de educandos, podendo eles ser crianças, adolescentes ou adultos, tornando-se um problema a ser enfrentado pelos educadores, responsáveis e outros que mantêm contato com os que apresentam essas dificuldades. Mas nesse caso, as dificuldades consistem, nos indígenas conhecerem sua língua materna e a língua portuguesa se tornar a segunda língua necessária para a sua convivência.

De acordo com Patto (1996), a superação do fracasso escolar passa pelo reconhecimento da complexidade desse fenômeno, considerando os múltiplos aspectos que o determinam: a instituição escolar tal como é organizada, as políticas, o contexto sócio histórico, a condição social e as ideologias sob as quais se ampara a prática educativa.

O processo de aprendizado da leitura ultrapassa a mera codificação de decodificação, pois é um processo de atribuição de novos sentidos e significados, culminando na construção de sentidos que se relacionam intimamente com a prática social. Podemos discutir a leitura e a escrita por meio de diversas perspectivas, mas devemos considerar que esse processo se dá por meio do trabalho de forma produtiva, dialógica, dinâmica e com a interação de todos os envolvidos.

É importante que o processo de aquisição da leitura e escrita no primeiro ciclo do ensino fundamental têm registrado avanços nos últimos anos e sido muito discutido acadêmica e profissionalmente, embora esses avanços não se mostrem suficientes, porque verifica-se nos censos educacionais brasileiros deficiências nesses aspectos. E a leitura e escrita está em evidências.

As dificuldades de aprendizagem podem levar ao fracasso escolar, que pode ser visto de ambos os lados, o do educando e o do educador, pois quando um fracassa, o outro pode ter parcela relevante de culpa. Mas ninguém tem culpa de ser indígena, que frequenta uma escola, que precisa dela, para desenvolver-se de forma integral e acima de tudo para se tornar cidadão que possa usufruir de sua cidadania. Prosseguindo com o estudo, interrogou-se sobre a contribuição dos pais na escola.

Quadro 6: Os pais contribuem com a educação dos filhos na escola? Comente. **Fonte:** Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga-Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Só quando demonstram algum interesse pela educação dos filhos e no processo de aprendizagem. É preciso um bom relacionamento para melhorar a educação dos filhos na escola.
P2	Sim, a contribuição dos pais é muito importante, pois eles querem seus filhos dentro da escola, e precisam também ensinar orientando seus filhos.
P3	São poucos os pais que contribuem, ficando pra escola o papel de ensinar inclusive, dos pais.
P4	Só aconselham os dos filhos antes de irem. Mas precisam comparecer mais.

Quanto à contribuição dos pais na educação dos filhos, os professores responderam que ajudam com conselhos, que demonstram interesses pela aprendizagem, que é muito importante orientar seus filhos, mas que precisam

comparecer mais à escola, ter um bom relacionamento com a escola para que os filhos terem sucessos na educação.

A relação entre a escola e a sociedade deve ser alargada dentro das possibilidades, trazendo os pais para dentro da escola como é caso do projeto Dia da Família na Escola que traz inúmeros benefícios. Os pais não devem ser convocados somente para tomar conhecimento de como anda seu filho na escola e sim também para contribuir com suas experiências para o melhoramento da escola. Como afirma Kaloustian (1998),

[...] a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (KALOUSTIAN, 1988, p.30).

Diante da questão, a participação da família na educação formal dos filhos precisa ser constante e consciente, pois vida familiar e vida escolar se complementam. Com base nos depoimentos dos professores acredita-se que o desempenho escolar das crianças melhorará a partir do bom relacionamento entre família e escola.

Na realidade, a família em consonância com a escola e vice-versa, são peças fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança e conseqüentemente são pilares imprescindíveis no desempenho escolar. Entretanto, para conhecer a família é necessário que a escola abra suas portas, intensificando e garantindo sua permanência, o diálogo e o entendimento e consolidando uma parceria entre ambas.

Além disso, é importante comentar que o alfabetizador deve ter consciência em adquirir conceitos relacionados à leitura e escrita, como um processo gradual, em que os estudantes irão alcançar maturidade cognitiva em relação à linguagem. Irão ocorrer alguns erros dos alunos, até que eles por si só (com o auxílio do educador) alcancem um nível de automatização da linguagem.

Enfim, a questão que aborda os recursos didáticos pedagógicos, nas aulas de português na aldeia.

Quadro 7: Que tipos de recursos didáticos pedagógicos são utilizados nas aulas de português para os alunos? **Fonte:** Professores Da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga–Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Usamos o que nos fornecem, e também o que temos e produzimos.
P2	Cadernos, lápis, canetas, papel A4, EVA, borracha, etc.
P3	Algumas cartilhas da Secretaria e um pouco do que produzimos com produtos da natureza, para diferenciar as aulas..
P4	Primeiramente tem vários que a gente usa como: livros, papel, EVA, tintas, pincéis, lápis de cor, brincadeiras com letras recortadas, etc.

Os recursos didáticos usados pelos professores indígenas, consistem em cadernos, lápis, lápis d cor, papéis A4, EVA, borracha, algumas cartilhas fornecidas pela secretaria e materiais produzidos pelos recursos extraídos da natureza, produzidos para dinamizar as aulas.

Quando o recurso utilizado demonstra resultados positivos, o aluno torna-se mais confiante, capaz de se interessar por novas situações de aprendizagem e de construir conhecimentos mais complexos.

Para tornar a aula mais dinâmica e atrativa, existem diversos recursos que podem ser utilizados pelos professores, contribuindo para a aprendizagem e motivação dos alunos. Não bastam somente os mais comuns. O aluno precisa ver coisas novas, ideias de aulas diferentes e modo de aprender que motive cada um e assim ter o prazer de querer voltar para a escola.

Por vezes, muitos professores utilizam quase que exclusivamente o livro didático, pois esse se mostra como um recurso mais acessível, já que as escolas públicas recebem livros para utilização dos professores. Sendo um recurso acessível, muitas vezes ele acaba sendo a única maneira do professor implementar suas aulas, não incorporando outras ferramentas que poderiam auxiliar os alunos na aprendizagem dos conteúdos.

Diante disso, para que os alunos demonstrem maior interesse pelas aulas, todo e qualquer recurso ou método diferente do habitual utilizado pelo professor é de grande valia, servindo como apoio para as aulas. Assim, “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos” (SOUZA, 2007, p. 111). Dessa forma, as utilizações desses recursos no processo de ensino podem possibilitar a

aprendizagem dos alunos de forma mais significativa, ou seja, no intuito de tornar os conteúdos apresentados pelo professor mais contextualizados propiciando aos alunos a ampliação de conhecimentos já existentes ou a construção de novos conhecimentos.

Enfim, com a utilização de recursos didáticos diferentes é possível tornar as aulas mais dinâmicas, possibilitando que os alunos compreendam melhor os conteúdos e que, de forma interativa e dialogada, possam desenvolver sua criatividade, sua coordenação, suas habilidades e a leitura e escrita, ampliando sua dignidade e identidade..

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

De acordo com a pesquisa, houve a necessidade de sugestões de algumas propostas de práticas educacionais, que possam contribuir com a ação pedagógica do professor, para que haja um melhor aprendizado na leitura e escrita proporcionando uma educação de qualidade para o aluno no decorrer de sua trajetória educacional.

1. Trabalhar estratégias diferenciadas para a leitura e escrita na escola indígena
2. Utilizar recursos didáticos pedagógicos diversos para dinamizar as aulas de Língua portuguesa
3. Desenvolver o lúdico como estratégia metodológica.
4. Elaborar oficinas pedagógicas na escola.
5. Promover eventos para a inserção dos pais na escola.

Diante do exposto, precisa-se de esforços, por parte dos professores, que devem também ser direcionados no sentido de uma reflexão crítica sobre a maneira de ministrar suas aulas, o jeito especial de chamar a atenção de seus alunos, para que se possa transformar o discurso do aluno “culpado pelo seu próprio fracasso escolar” numa atitude de confiança e credibilidade na capacidade do mesmo para “aprender a aprender” e se tornar um aprendiz e um cidadão com sucesso pelo desenvolvimento integral e preparado para a sociedade.

CONCLUSÃO

Esse estudo possibilitou um melhor entendimento sobre os desafios encontrados na escola por professores e no ambiente escolar, que visam buscar novas qualificações para poderem trabalhar metodologias novas com seus alunos, proporcionando-os um ensino e aprendizado de qualidade no seu cotidiano, conferindo na questão das dificuldades que consistem em desafios.

Constatou-se que as dificuldades estão presentes na escola, por que os indígenas estão acostumados com sua língua materna e ao deparar-se com a língua portuguesa, torna-se difícil a compreensão da mesma.

Também percebeu-se que as metodologias precisam ser ampliadas, considerando que o lúdico pode fazer a diferença para a aprendizagem das crianças na escola. Os investigados afirmaram que os pais precisam comparecer mais à escola dos filhos, pois os ensinamentos da família faz a diferença na educação destes.

A partir deste estudo foi possível compreender que a escola, enfrenta desafios em relação ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita, que vem a ser um fato principal no aprendizado do aluno, para assim poder continuar seus estudos. Pois, quem não sabe ler e escrever com certeza se sente excluído da sociedade passando a ter muitas dificuldades em sua vida social.

Enfim, a escola deve proporcionar aos seus alunos, situações que promovam experiências novas enriquecedoras e gratificantes que possam causar entusiasmo para participarem de atividades de leitura e escrita principalmente. É neste ambiente que o cidadão pode desenvolver-se integralmente, para que tenha sucessos no futuro.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília/ DF: MEC, SEF, 1998. CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1993.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa.** In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERREIRA, Maria Elisa de M. P. **Ciência e interdisciplinaridade.** In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita.** Emília Ferreiro e Ana Teberosky; tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. – Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez Editora, 1987. FERNANDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 1991
- GOULART, Iris Barbosa. **O Não Diretívismo.** In: **Psicologia da Educação: Fundamentos Teóricos e Aplicações à prática pedagógica.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- IMBERNÓN. Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza.** 5 ed., São Paulo: Cortez, 2005.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 2ª Ed. São Paulo. Ática. 1988. Série Princípios.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.
- KALOUSTIAN, Sílvio Manoug. **Família brasileira: a base de tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF. UNICEF, 1998.
- LACASA, P. (2010). **Ambiente familiar e educação escolar: a interseção de dois cenários educacionais.** In: C. Coll, A. Marchesi, & J. Palácios (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação** (2ª ed.): (Vol. 2: Psicologia da educação escolar, pp. 405-408). Porto Alegre: Artmed.
- NÉRICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação.** São Paulo: Atlas, 1972.

MACEDO, José Rivair e Oliveira, W, Marley. **Brasil: Uma História em Construção**. V. 3. Editora do Brasil, São Paulo, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Cap. I. **Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Teoria método e criatividade**. 21º ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

NÉRICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e CHADWICH Clifton. **Aprender e ensinar**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2002.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar: história de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

PAVIANI, Jaime. **Problemas de Filosofia da Educação**. 3. ed. Caxias do Sul, EDUCS, 1986.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1977.

POERSCH, J. M. **Suportes Lingüísticos para a alfabetização**. 2 ed. Porto Alegre: Sagra, 1990.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999. 80 p; 16 cm. – (Cadernos da TV Escola. **Inteligências Múltiplas**, ISSN 1517-2341 n.1) p.5-26.

RAYS, Oswaldo Alonso. **Metodologia do ensino: cultura do caminho contextualizado**. In: _____ (org.). **Educação e Ensino: constatações, inquietações e proposições**. Santa Maria: Pallotti, 2000. p. 89-102.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**; trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SOUZA. S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, Maringá, 2007

TAVARES, Dirce Encarnación. **Aspectos da história deste livro**. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, Lev, **Aprendizado e Desenvolvimento: um processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

APÊNDICES



Este questionário é parte integrante do trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Itaituba- FAI, Dificuldades de leitura e escrita nos anos iniciais na escola Indígena, com análise de professores da EMIEIF “Kaba Ibuy” em Jacareacanga–Pará. Acadêmico: Arivaldo

Questionários para os professores

- Sexo: _____ Idade: _____.
- Professor: Indígena () Não- indígena ()
- Graduação em: _____.
- Pós- graduação: Sim () Não ()
- Quantos anos você trabalha na educação?
_____.
- Tempo de trabalho nesta escola:
_____.
- Já trabalhou em outra escola? _____.
- Já exerceu outra profissão?
Qual? _____.

1. Por que é preciso ler e escrever corretamente?

2. Quais os principais desafios da leitura e escrita para alunos indígenas?

3. Quais tipos de metodologias estão sendo utilizadas pelos professores, para a leitura e escrita dos alunos?

- _____.
4. Os professores estão preparados para desenvolver a leitura e a escrita na escola indígena? Justifique sua resposta
- _____.
5. Do seu ponto de vista, por que os alunos indígenas têm dificuldades de ler e escrever?
- _____.
6. Os pais contribuem com a educação dos filhos na escola? Comente.
- _____.
7. Que tipos de recursos didáticos pedagógicos são utilizados nas aulas de português para os alunos?
- _____.

Obrigado!